

PROBLEMATIZANDO GÊNEROS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PERCEPÇÃO DAS ALUNAS E ALUNOS DE UMA ESCOLA VOCACIONADA EM RELAÇÃO À PRÁTICA DE ESPORTES EQUITATIVOS E DEMOCRÁTICOS

Gabriel Magalhães Rodrigues Coelho¹
Fernanda Guimarães Franco²

RESUMO

Este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo apresentar os resultados das oficinas de jogos e esportes democráticos realizadas em uma escola pública vocacionada ao esporte do município do Rio de Janeiro-RJ a partir da percepção de alunas e alunos da turma participante através da metodologia de pesquisa-ação, buscando refletir sobre as práticas de esportes competitivos como possíveis reprodutores de desigualdades e apontando para estratégias de ressignificação dos esportes como potenciais espaços democráticos e equitativos. O esporte na escola é objeto de discussão comum em pesquisas relacionadas à Educação Física, principalmente por ser um conteúdo bastante difundido nas aulas. Também não deixa de ser polêmico no que tange às questões relacionadas ao excesso de competitividade ou, até mesmo, a exclusão de alguns grupos de alunos. O modelo de escolas vocacionadas ao esporte amplia significativamente a prática de atividade física no currículo, deixando os corpos em evidência e caracterizando-se como um campo fértil para a problematização dos estereótipos e os padrões vigentes. O estudo aponta para a importância de desenvolver o conteúdo esporte na escola valorizando as diferenças e considerando os aspectos de equidade, igualdade e coeducação. Os depoimentos evidenciam a necessidade de práticas plurais na escola diante de um cenário ainda restrito e excludentes para quem não está no padrão de performance esperado e em um contexto social patriarcal que colabora para a diferenciação de oportunidade e protagonismo entre os gêneros.

Palavras-chave: Esporte escolar, Escola, Gêneros, Equidade, Educação Física.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi produzido através da inserção de uma oficina nomeada como “Jogos e esportes democráticos - práticas e discussões coeducativas” realizada como disciplina Eletiva em uma escola vocacionada ao esporte localizada no bairro do Caju – Rio de Janeiro/RJ. Essa oficina, realizada pela Fundação Gol de Letra³ em parceria com a secretaria municipal de educação do Rio de Janeiro, atendeu cerca de 35 alunas e alunos de uma turma de sétimo ano

¹ Mestrando em educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, faculdade de formação de professores – UERJ/FFP na linha de políticas e desigualdades sociais, gabriel.coelho@goldeletra.org.br;

² Graduada em Licenciatura plena em Educação Física na Universidade Plínio Leite com especialização em Gestão esportiva e em Projetos Sociais pela PUC/RJ, fernanda.franco@goldeletra.org.br;

³ Organização não governamental instituída pelos ex-jogadores de futebol Raí e Leonardo. Fonte: <https://www.goldeletra.org.br/>. Acesso em 12 set. 2023.

da escola municipal Ginásio Olímpico Educacional (GEO) Félix Mielli Venerando no segundo semestre do ano de dois mil e vinte e dois.

A escola e a Fundação Gol de Letra estão localizadas no bairro do Caju, zona portuária do Rio de Janeiro. O complexo do Caju é formado por 12 comunidades, a saber: Parque Alegria, Parque Vitória, Vila dos Mexicanos, Parque Boa Esperança, Vila Clemente Ferreira, Ladeira dos Funcionários, Parque São Sebastião, Parque Conquista, Nossa Senhora da Penha, Quinta do Caju, Terra Abençoada e Vila dos Sonhos. Trata-se de uma região pobre e violenta, historicamente dominada pelo tráfico de drogas.

O Geo Félix Mielli Venerando foi a segunda escola inaugurada nesse modelo no município do Rio de Janeiro. Neste ano de dois mil e vinte e três a escola está completando dez anos de existência. Este formato de escola modifica significativamente a matriz curricular tradicional, proporcionando para seus alunos oito tempos de treinamento esportivo diluídos durante a semana. Todos os alunos e alunas são praticantes de, no mínimo, uma modalidade esportiva. A escola é de turno integral (manhã e tarde) com turmas de sexto ao nono ano do ensino fundamental.

Nas escolas vocacionadas ao esporte o cotidiano é transformado pelas aulas diárias de esporte, ditas como treinamento. Treinar já pode facilmente remeter a rotina de repetir a mesma ação até chegar a perfeição. Treinamento pode fazer com que uma pessoa que não tenha certa habilidade alcance a autonomia necessária para realizar uma prática de forma qualificada, para que possa ter certo protagonismo nessa forma de agir. No entanto treinamento no esporte muitas vezes torna os mais aptos e habilidosos como únicos protagonistas das ações, conseqüentemente dos jogos.

Seguindo essa reflexão também é possível trazer a problemática das modalidades esportivas mais difundidas em nosso país como o futebol, futsal, handebol, voleibol, atletismo, tênis de mesa... todas essas modalidades são categorizadas por masculinas ou femininas. As competições escolares também respeitam essas categorias. Segundo Brito (2015) essa classificação que normatiza os sujeitos através dessas categorias de feminino e masculino reforça essa dicotomia de gêneros no espaço escolar e de certa forma nega as diferenças (BRITO, 2015, p. 81).

Normatizar as atividades escolares para meninos e meninas, dividi-las e classificá-las em masculinas e femininas é hierarquizar os mais variados sentidos atribuídos ao gênero no espaço escolar, repetindo, de forma performativa, as concepções enraizadas nas tradicionais dicotomias já existentes (BRITO, 2015, p. 81).

A questão da generificação das habilidades para a prática dos esportes é construída nos cotidianos escolares, principalmente quando as modalidades são diferenciadas por masculino e feminino (ALTMANN, 2015, p. 110). Durante as aulas foi interessante estimular a reflexão crítica dos alunos sobre a importância do GEO possibilitar que mais alunas participem das atividades de esportes e das competições, pensando nas desigualdades de oportunidades que as chamadas minorias sociais têm no acesso ao esporte. Em geral, a prática esportiva é reservada aos meninos (ALTMANN, 2015; SARAIVA, 2005).

Contudo a práticas dos esportes que em sua essência já promovem a separação das equipes por gêneros é uma questão que também precisa ser debatida. Neste caso a pesquisa se justifica para questionar e deslocar essa lógica mais tradicional de entender e praticar os esportes, valorizando também a possibilidade de existir escolas que estimulam a participação e vivência esportiva democrática para todos, mas também problematizando as possíveis produções de desigualdades que podem existir.

O objetivo da pesquisa é, através da prática de novos jogos e modalidades com viés equitativos/ democráticos e de rodas de conversa com o grupo de estudantes participante das aulas, promover a reflexão crítica sobre as possibilidades de desigualdades de gêneros nos esportes e como ressignificar este contexto que pode ser opressor.

METODOLOGIA

A disciplina eletiva buscou oferecer aos alunos e alunas do sétimo ano do Ginásio Educacional Olímpico Félix Mielli Venerando uma possibilidade de conhecer e praticar jogos e esportes democráticos, viés do esporte que está intimamente ligado aos direitos humanos/ civis e ao respeito à vida e a diversidade e tem como suas principais características: estimular a aprendizagem de valores éticos, preconizar o respeito as diversidades, utilizar a prática do esporte com meio de desenvolvimento humano, exercitar a autonomia e a cidadania e promover igualdade de gênero.

Foram 14 encontros entre os meses de agosto e dezembro de dois mil e vinte e dois. Nas aulas foram debatidas questões sensíveis às produções de possíveis desigualdades sociais, em especial as questões de gêneros, que também envolvem o esporte.

Conhecer alguns esportes e jogos democráticos mostrou-se um caminho interessantes para problematizar o respeito às diferenças e à diversidade no esporte escolar.

Nesta oficina, que ocorreu na disciplina eletiva, em uma abordagem qualitativa (SEVERINO, 2013, p. 92) realizamos uma pesquisa ação com os estudantes participantes das aulas. Sobre o método de pesquisa:

A pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas (SEVERINO, 2013, p. 93-94).

A pesquisa-ação foi realizada no sentido de entendermos os cotidianos e a relação que os alunos tinham com o esporte, sendo um caminho para discutirmos as questões das desigualdades sociais, focalizados nas opressões de gêneros, e assim ressignificar algumas percepções, estimulando a criticidade em relação a essas formas de exclusões e opressões.

Para compreender mais profundamente o impacto das atividades realizamos entrevistas com alunas e alunos participantes das oficinas. Nas entrevistas buscamos permanecer com uma escuta atenta para as percepções e os discursos produzidos pelos estudantes fomentando um diálogo descontraído (SEVERINO, 2013, p. 97), com o objetivo de coletar as expressões fundamentais sobre as intervenções que realizamos durante as oficinas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sobre o conceito de esporte que será discutido no artigo, entendendo que este esporte acontece na escola, ministrado por professores de Educação Física escolar, será utilizado a dimensão social do esporte categorizada por Manuel Tubino (2011) como “esporte-educação”. Partiremos de uma lógica que o esporte na escola tem importante valor social, não apenas prático ou de reprodução do alto rendimento. “A educação, que tem um fim eminentemente social, ao compreender o esporte como manifestação educacional, tem que exigir do chamado esporte-educação um conteúdo fundamentalmente educativo” (TUBINO, 2011, p. 36).

Tubino (2011) traz uma leitura de cinco possíveis princípios socioeducativos do esporte-educação, sendo eles: “participação, cooperação, coeducação, totalidade, integração e corresponsabilidade” (TUBINO, 2011, p. 38). O princípio de coeducação é importante para o entendimento das questões de gêneros no esporte escolar. A coeducação é definida como uma medida educacional a mais e além dos sistemas mistos de ensino, indo além da oportunidade de atividades conjuntas. “A coeducação é aqui entendida ainda como uma maneira de questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino, estes percebidos como

elementos não necessariamente opostos ou essenciais” (AUAD, 2006, p. 55). Não basta apenas que todos participem das aulas e competições, mas que tenham protagonismo nessas atividades.

O caminho histórico percorrido pela Educação Física e o fenômeno do esporte podem ser vistos como dispositivos que negaram a participação de todos e a equidade (ALTMANN, 2015; TUBINO, 2011). Tubino (2011) ressalta que o esporte pode ter um efeito negativo perverso. Diminuir as abordagens dos problemas sociais, sistematizando o esporte no ambiente escolar como apenas a reprodução do esporte de rendimento é também uma forma de perversidade (TUBINO, 2011, p. 44-45). Quanto a esse efeito negativo do esporte, Tubino faz a seguinte lista:

- a) a reprodução compulsória do esporte-performance na educação; b) as violências do esporte-performance; c) a discriminação contra a mulher no esporte; d) o uso ideológico-político do esporte; e) a preponderância da lógica do mercantilismo no esporte (TUBINO, 2011, p. 45).

Quando a discriminação da mulher no esporte, podemos estender para toda as pessoas LGBTQIA+, entendendo ainda todos os processos interseccionais que essas opressões entregam para os diferentes corpos. De acordo com Saraiva (2005), é possível afirmar que “na educação Física, tanto quanto na educação familiar e escolar, reflete-se, ainda, um viés sexista que transformou a mulher em um ser submisso, obediente e dócil (...) (SARAIVA, 2005, p. 27).

Para uma adequação histórica das relações que envolvem estado, sociedade, Educação Física e esporte, é preciso analisar algumas fases fundamentais para essa compreensão.

Na primeira metade do século XIX, começou a crescer a ideia do esporte como consumo e espetáculo. Ao mesmo tempo que se popularizava, ainda era usado como forma de status e distinção das classes sociais (MELO, 2010, p. 92). É relevante perceber que essa ideia do esporte como forma de mobilização do consumo vai crescendo com o passar das décadas, sendo fortemente observada como viés do capitalismo que transforma tudo em produto. Dessa forma o esporte passa a ser também um instrumento do capital.

Nos anos 1851 até meados de 1875, é observada a ascensão de algumas modalidades esportivas. Neste período também se inicia a participação das mulheres no esporte, através da modalidade do tênis, onde aos poucos elas passam de público para praticantes (MELO, 2010, p. 99).

Entre 1876 e 1900, o esporte amplia a conotação de “consumo”, visão comercial de espetáculo. Surge a tecnologia no meio esportivo. Nasce nesse período o ciclismo e mais à

frente o automobilismo (MELO, 2010, p. 101). É importante pontuar que a grande maioria dos esportes eram praticados exclusivamente por homens. Os atravessamentos de classe também norteavam as possibilidades das pessoas que poderiam ou não praticar certos esportes.

Na transição dos Séculos XIX e XX, nascem os esportes coletivos. Há uma ampliação de acesso do esporte as diferentes classes sociais, o esporte ganha contornos internacionais (MELO, 2010, p. 103). Os esportes coletivos acabam popularizando e difundindo os esportes de uma forma mais ampla.

Falando mais especificamente da Educação Física, ao longo de sua história, esta assumiu vários papéis importantes no cenário político brasileiro. É fundamental fazer essa ligação e essa análise histórica paralelamente da Educação Física com o esporte, já que elas vão se fundindo quando analisamos o esporte como conteúdo muito utilizado no chão das escolas em aulas de Educação Física curricular.

Um grande momento que marcou a história da política pública no Brasil foi em 1964, época da Ditadura Militar. O esporte tinha como seu principal objetivo sublimar a competição e a superação individual como valores essenciais para a constituição de uma sociedade moderna (GHIRALDELLI, 1991, p. 18).

A concepção chamada por Ghiraldelli de “Competitivista”, foi muito utilizada pelo governo para mascarar algumas mudanças importantes na vida da população. O esporte nacional, portanto, serviu para neutralizar críticas, movimentos e conflitos político-sociais (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 121).

De 1965 em diante, junto a concepção Competitivista, nasceu entre a classe operária, a concepção “Popular” da educação física, toma uma forma mais autônoma, ligada ao Movimento Operário e Popular. Os desportos assumiram o papel de “promotores da organização e mobilização dos trabalhadores”. Segundo Ghiraldelli,

No interior desses movimentos, forjou-se a concepção da Educação Física Popular, privilegiando a ludicidade, a solidariedade e a organização e mobilização dos trabalhadores na tarefa de construção de uma sociedade efetivamente democrática (GHIRALDELLI, 1991, p. 34).

Em 1975, a educação física, ainda estava resumida ao desporto de alto nível, com o objetivo de gerar indivíduos capazes de trazer medalhas para o País, o chamado “Milagre esportivo brasileiro”, trouxe a hierarquização e a elitização do esporte como nos mostra o artigo 5º da lei nº 6.251:

Aprimoramento da aptidão física da população; elevação do nível do desporto em todas as áreas; implantação e intensificação do desporto de massa; elevação do nível técnico desportivo das representações nacionais; a difusão dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer (LINHARES E FILHO, 1999, p. 40).

Reforçando a ideia de Linhares e Filho, Castellani em seu livro, *Educação Física no Brasil- a história que não se conta* (2006), afirma que o principal objetivo da educação física era a melhora do desempenho esportivo, visando a produtividade. Transformando assim a prática do esporte excludente e elitista, já que só quem tinha incentivo à prática eram os considerados capazes de trazer benefícios para o país. O Brasil tentava nesta época seguir o modelo de sociedade padronizado, pelos países considerados mais evoluídos.

As discussões mais voltadas para o viés social do esporte começaram nos anos de 1980, que não por coincidência, marcou o fim da Ditadura Militar (1985), e o começo da luta pela redemocratização do país. Os debates mobilizaram uma redefinição do papel da Educação Física no país, além de desenvolver tecnologias para um maior investimento em esporte e em conhecimentos ligados a ele nas universidades e instituições esportivas.

Denominado Esporte Contemporâneo, essa concepção, traz consigo o compromisso de garantir o esporte como direito de todos e há uma ampliação do seu debate de suas relações filosóficas e sociológicas. Ele passa a ter novas classificações que vão além do esporte de rendimento, agora abrangem o esporte de participação e o esporte educacional (TUBINO et al., 2007 p. 36). Ainda segundo Tubino, o Esporte Contemporâneo:

Fenômeno sociocultural cuja a prática é considerada direito de todos e que tem no jogo o seu vínculo cultural e na competição seu elemento essencial, o qual deve contribuir para formação e aproximação dos seres humanos ao reforçar o desenvolvimento de valores com a moral, a ética, a solidariedade, a fraternidade e a cooperação, o que pode torna-lo um dos meios mais eficazes para convivência humana (TUBINO et al., 2003, p. 37).

A partir do Esporte Contemporâneo, começou-se a discutir sobre o seu viés filosófico, sociológico e com segmentos da sociedade atual. Nesta perspectiva, surgiram os princípios norteadores de suas dimensões, sendo eles:

Esporte Lazer- chamado também Esporte na Comunidade, voluntário, tem na participação e no Lazer seus principais objetivos; Esporte de rendimento- chamado de Esporte Institucionalizado ou Esporte de Rendimento e o Esporte de Alto Rendimento, é manifestação indicada para os talentos e biótipos certos e visa a vitória, recordes e superações. O Esporte Institucionalizado e delimitado por regra, códigos e normas que caracterizam suas práticas e competições; Esporte Educação- chamado também de Esporte na Escola, para a infância e adolescência, é destinado a formação



para a cidadania. Pode ser manifestado como Esporte Educacional. (TUBINO et al., 2007 p. 37).

Esse entendimento das diferentes manifestações do esporte é fundamental para esse trabalho. O GEO é uma escola que recebe alunos de toda a rede municipal. Apesar de ser diferenciado em sua matriz curricular e no seu cotidiano, as matrículas seguem todos os trâmites de qualquer escola da rede municipal do Rio de Janeiro. O esporte que acontece na escola precisa estar alinhado com a perspectiva que Tubino (2007; 2011) chama de Esporte Educacional. Esse que contempla as ações nas escolas e precisa estar comprometido com a formação para cidadania. Vale lembrar que o GEO pretende formar os chamado alunos-atletas-cidadão (SILVA, 2014). Contudo a valorização ampliada das competições esportivas pode sugerir uma dicotomia com o conceito que Tubino chama de Esporte de Rendimento. Essa forma de desenvolver o esporte não é indicada para a escola, pois apresenta uma forte tendência para a exclusão e a desigualdade de oportunidades, reproduzindo o cenário que encontramos no esporte competitivo profissional de alto rendimento.

Diante desse cenário buscamos com a oficina de jogos e esportes democráticos problematizar as questões das desigualdades, em especial sobre as questões de gêneros, dinamizando atividades equitativas, mistas e democráticas. Além de praticar novas modalidades esportivas (corfebol, ultimate frisbee, futebol 3 tempos...) em todas as aulas trabalhamos com rodas de conversas reflexivas sobre as práticas produzidas. Desta forma buscamos tencionar questões das desigualdades no esporte escolar retratadas pelos estudos de Altmann (2015), Auad (2006), Devidé (2011, 2017), Brito (2015) e Saraiva (2005), além de contribuir com as discussões das opressões de gêneros nos cotidianos escolares evidenciadas por Louro (2000 - 2015), Sepulveda e Sepulveda (2016 – 2010) e Paraíso (2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O esporte escolar precisa estar alinhado com alguns princípios que garantam o direito à diversidade e o respeito às diferenças. No entanto existem correntes que negam os princípios democráticos das aulas. “A corrente tradicional da Educação Física, baseada no pensamento positivista, tem construído uma imagem de homem e sociedade atrelada aos princípios de rendimento, da produtividade, da concorrência, entre outros” (SARAIVA, 2005, p. 32).

O esporte educacional, localizado no eixo Esporte-educação (TUBINO, 2007) é o contraponto dessa perspectiva positivista que limita a participação de todos com protagonistas.

O viés educacional busca, através das práticas esportivas escolares, contribuir para a formação integral dos discentes. O esporte educacional também não limita a participação em competições, contudo é necessário entender como ocorrem essas participações.

Especificamente falando sobre a dimensão educacional do esporte, Tubino afirma que:

Esporte Educacional ou Esporte de Formação é um direito de todos jovens, crianças e adolescentes. Ele compreende as atividades praticadas nos Sistemas de Ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando a seletividade e a hiper competitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para a cidadania e a prática do lazer ativo (TUBINO et al., 2007 p. 41).

Tubino (2007; 2011) traz princípios com participação, inclusão, cooperação e coeducação ao referir-se ao Esporte Educacional. De acordo com Altmann (2015) e Saraiva (2005), o esporte e a Educação Física escolar precisam avançar no que tange a oportunidade de todos em suas práticas.

Diante disso, em nossas oficinas, buscamos proporcionar uma resignificação das práticas esportivas já utilizadas no espaço escolar, priorizando as características principais do esporte educacional. As entrevistas foram realizadas individualmente e no formato de rodas de conversa. Os alunos e alunas foram perguntados sobre as características mais marcantes das atividades propostas pelas oficinas. Posto isso analisamos algumas percepções oriundas dos alunos:

A fala de uma das meninas entrevistadas demonstra como o esporte mais popular do Brasil ainda carrega uma grande diferenciação das possibilidades para meninas e meninos. Parece difícil pensar o futebol para meninas sem ser pela ótica masculina. De qualquer forma observamos no discurso o empoderamento na crença da força das meninas no esporte.

Nas atividades da Fundação Gol de Letra, todo mundo se respeito direito, os meninos tocaram para as meninas. Meu sonho é ser jogadora de futebol, eu gosto muito de que as meninas aprendam mais para o ramo de meninas crescer no futebol e não ter só menino, claro, o futebol dos meninos é muito bom, mas para mim o das meninas é melhor (Aluna 1 – 13 anos, grifo dos autores).

O respeito às diferenças foi um tema importante trabalhado em nossas oficinas da pesquisa-ação. Quando a isso observamos no discurso dos discentes a valorização da diversidade.

Aprendi respeito, temos que respeitar uns aos outros, não importa o que seja, se é gay, lésbica, trans, preto, branco, etc. Temos que nos respeitar. (Aluna 2- 13 anos, grifo dos autores).

Além da valorização da diversidade, romper com a competitividade excessiva dos esportes também proporciona mais liberdade. Essa liberdade favorece o convívio pacífico, harmonioso e solidário. O erro e a frustração passam a fazer parte da aprendizagem. Desta forma as opressões tendem a diminuir e as diferenças são mais respeitadas, como podemos ver na fala de um aluno:

No esporte da eletiva da Gol de Letra a gente é mais livre, a gente aprende a conviver mais com os colegas, a sermos mais solidários com o próximo, a não ser imprestável por exemplo: estamos brincando e não passamos a bola, não dividimos para o grupo todo brincar. Além disso a gente conversa como foi o jogo, o que erramos e o que poderia ter sido melhor (Aluno 4 – 13 anos, grifo dos autores).

Na percepção dos alunos e alunas, a oficina mostrou novas possibilidades de entender e praticar os esportes. Uma proposta menos excludente, preocupada com a diminuição das possibilidades de desigualdades produzidas pelos esportes.

Esta questão, que não existe desigualdade e a gente faz mais para se divertir mesmo (Aluna 4- 13 anos, grifo dos autores).

Em geral os esportes de competição irão privilegiar os mais aptos e habilidosos. Contudo o esporte como vivência na escola pode e deve ser mais democrático e inclusivo, como observamos nos depoimentos produzidos pelos discentes na pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte escolar é um terreno fértil para as discussões que envolvem as desigualdades de gêneros. As autoras e autores abordados nesse artigo colaboram com diversas pesquisas que evidenciam a necessidade do esporte ser desenvolvido de forma equitativa, coeducativa e democrática. A disciplina de Educação Física escolar, em especial no conteúdo esporte, eleva os corpos a um lugar de maior evidência e poder.

O estudo aponta para a importância de desenvolver o esporte na escola valorizando as diferenças e considerando os aspectos de equidade, igualdade e coeducação. Os depoimentos trazem a experiência dos alunos e alunas diante das vivências propostas nas oficinas realizadas que promoveram deslocamentos na forma de conhecer, entender e praticar os esportes.

Os discursos evidenciam a necessidade de práticas plurais na escola diante de um cenário geral ainda restrito e excludente para quem não está no padrão de performance esperado e em um contexto social patriarcal que colabora para a diferenciação de oportunidade e protagonismo entre os gêneros.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação Física Escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRITO, Leandro Teofilo de. **GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR: NORMATIZAÇÕES E DESLOCAMENTOS COTIDIANOS**. Caderno Espaço Feminino, [S. l.], v. 28, n. 1, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/29708>. Acesso em: 28 maio. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil – A História que não se conta**. 3ª ed., Campinas, SP: Papyrus, 1988.

DEVIDE, Fabiano Pries. et al. **Estudos de Gênero na Educação Física Brasileira**. Motriz, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Estudo de gênero na educação física e no esporte**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista: A Pedagogia Crítica-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira**. 3º Edição. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

GOELLNER, Silvana. **Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidade**. Revista Tempo, vol. 19, Junho de 2013, p. 45 a 52.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “Excêntrico”**. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-29.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MELO, Victor Andrade. **Esporte e Lazer: conceitos**. 1º Edição. Rio de Janeiro: apicuri, 2010.

PARAISO, Marlucey Alves. **Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender.** Revista Linhas. Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 206-237, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817332016206/pdf_102> Acesso em: 04 jun. 2023.

SARAIVA, Maria Do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito.** 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. **O pensamento conservador e suas relações com as práticas discriminatórias na educação: a importância da laicidade.** Revista Teias, v. 17, n. 47, out.- dez., 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24767>>. Acesso em 15 Set. 2020.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. **As práticas e as Políticas Curriculares de Inclusão e o direito à Diferença.** Revista e-Curriculum, São Paulo, v.14, n.04, p. 1258 – 1287 out./dez.2016. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/29593>>. Acesso em 15 Set. 2020.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. **Laicidade do Estado e da educação.** Valorizando as discussões sobre gêneros e sexualidades nas escolas públicas. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 14, n. 28, p. 91-105, jan./abr. 2020. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>>. Acesso em 14 Set. 2020.

SEPULVEDA, Denize.; SEPULVEDA, José Antonio; LUZ, Luiz Otavio Ferreira. **A sexualidade e o gênero nos cotidianos das escolas: a questão da diferença e o padrão heteronormativo.** IV Seminário Internacional de educação e sexualidade: Fundamentalismos e violências, Vitória-ES. 2016. Disponível em: <<http://www.gepsexualidades.com.br/site/anaiscomplementares>>. Acesso em 15 de Set. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. São Paulo, SP: Cortêz, 2013.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da (org.). **ALUNO – ATLETA – CIDADÃO – Estudos no Ginásio Experimental Olímpico.** Rio de Janeiro, RJ: HP Comunicação Editora, 2014. a

TUBINO, Manoel José Gomes et al.. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte.** 1º Edição. Rio de Janeiro: Senac editoras, 2007.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte.** 3 ed. São Paulo, SP. Cortez, 2011.

ZEFERINO, Joycemar Lemos Barcellos. **Relatos.** In C. A. F. da Silva. (Ed.), Aluno – Atleta – Cidadão. Estudos no Ginásio Experimental Olímpico (pp. 165-178). HP Comunicação Editora, 2014.